

FRACASSO ESCOLAR: QUEM SÃO OS CULPADOS?

Valderly Maria dos Santos Rodrigues de Paula

Resumo: O fracasso escolar aparece hoje entre os problemas de nosso sistema educacional mais estudados e discutidos. Porém, o que ocorre muitas vezes é a busca pelos culpados de tal fracasso e, a partir daí, percebe-se um jogo onde ora se culpa a criança, ora a família, ora uma determinada classe social, ora todo um sistema econômico, político e social. Mas será que existe mesmo um culpado para a não-aprendizagem? Será que os supostos culpados devem assumir essa culpa individualmente? Ou será que a causa do fracasso escolar não é uma soma de procedimentos coletivos que provocam esses problemas e sempre a maior vítima e principal culpado é o aluno? O fracasso é sem dúvida, um dos mais graves problemas com o qual a realidade educacional brasileira vem convivendo há muitos anos. Tal ocorrência pode ser evidenciada em todos os níveis de ensino, mesmo possuindo maior índice de frequência nos primeiros anos de escolarização. Dessa maneira viemos por meio deste artigo apontar os diversos culpados e analisar qual deles realmente o é.

Palavras-chave: Fracasso Escolar. Culpados. Aluno.

Abstract: School failure appears today among the problems of our educational system more studied and discussed. However, what happens often is the search by guilty of such failure and, thereafter, becomes a game where sometimes blame the child, family or a particular social class, so a system of economic, political and social. But is there even a guilty for non-learning? Will the alleged culprits should take blame individually? Or is the cause of school failure is not a sum of collective procedures which cause these problems and always the greatest victim and the main culprit is the student? Failure is undoubtedly one of the most serious problems with which the educational Brazilian living reality for many years. This occurrence can be evidenced in all educational levels, even featuring greater frequency index in the early years of schooling. This way we came through this article draw attention to the various guilty and analyze which really is.

Key-words: School failure. Guilty. Student.

INTRODUÇÃO

O fracasso escolar aparece hoje, entre os problemas de nosso sistema educacional como um dos assuntos mais estudados e discutidos. Porém, ao invés de buscar meios para se livrar de tais fracassos e buscar soluções imediatas para elevar o nível de conhecimento e de auto-estima dessas crianças ditas fracassadas, o que ocorre muitas vezes é a busca pelos responsáveis por tal fracasso.

A partir daí, percebe-se um jogo onde ora se culpa a criança, ora a família, ora uma determinada classe social, ora todo um sistema econômico, político e social. Dessa maneira nos questionamos: será que existe mesmo um responsável pela não-aprendizagem? Sabe-se que a

aprendizagem acontece num contexto, devendo haver motivação, estímulos, incentivos e, dessa maneira, nunca uma única pessoa pode ser responsabilizada.

Quando os pais colocam seus filhos na escola, têm como objetivo a aprendizagem dos conhecimentos adquiridos, de tal forma que os mesmos tenham sucesso no decorrer da vida escolar, para que sejam bem sucedidos e, no final, obtenham um diploma para iniciar uma carreira que lhe dê sucesso financeiro e profissional.

Na maioria das vezes esses alunos seguem seu estudo e conseguem o tão almejado sucesso, mas em muitos casos, algumas dessas crianças passam anos cursando a mesma série e são taxadas de incompetentes, desajustadas, deficientes, etc. São rótulos que na maioria das vezes soam como ameaças silenciosas aos ouvidos infantis, que ficam impregnados por anos e anos fazendo com que estas crianças acabem por desistir completamente da escola.

Em outros casos, o aluno consegue progredir na série, mas quando termina o ensino fundamental não sabe nada do que foi estudado e, na maioria das vezes, continua “vazio”. Em outras situações quando a família é questionada, esta também dá indícios de que as crianças se tornaram um fardo muito pesado e que não é fácil educá-las, e desta forma, transferem várias de suas funções para a escola.

A família, obrigatoriamente é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros que trabalham com o ato de ensinar e as “atitudes destes frente às emergências de autoria do aprendente, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos”, conforme Fernandes (2001, p.15).

Dessa forma nosso intuito é compreender quem realmente oferece essa possibilidade de fracasso para essas crianças. Inicialmente muitos fatores podem ser percebidos de maneira que faremos um estudo individual de cada um deles.

1. EVIDENTES CAUSAS DO FRACASSO ESCOLAR

O fracasso é sem dúvida, um dos mais graves problemas com o qual a realidade educacional brasileira vem convivendo há muitos anos. Tal ocorrência pode ser evidenciada em todos os níveis de ensino, mesmo possuindo maior índice de frequência nos primeiros anos de escolarização.

Dentre os inúmeros fatores correlacionados com o fracasso escolar, aparecem tanto os extra-escolares, como os intra-escolares. Os primeiros dizem respeito às más condições de vida e de subsistência de grande parte da população brasileira no que tange à escolaridade, tais como as péssimas condições econômicas, responsáveis, dentre outros fatores pela fome e desnutrição, a falta de moradias adequadas e de saneamento básico, enfim, todo o conjunto de privações com o qual convivem as classes sociais menos privilegiadas.

Já os fatores intra-escolares se relacionam ao currículo, aos programas, o trabalho desenvolvido pelo professor e pelos especialistas, as avaliações de desempenho dos alunos, e outros. Tudo isso contribui para o fracasso escolar das crianças de origem social e econômica desfavorecidas, ainda que grande parte desse fracasso se deva sem dúvida à pobreza material da qual essas crianças são vítimas.

Nesse sentido, essas condições escolares contribuem para reproduzir a desigualdade social, por meio de um duplo mecanismo. Segundo Mello (1983, p.14) “o primeiro é a exclusão

dos mais pobres e o segundo a legitimação dessa exclusão na medida em que o aparecer apenas técnico do modo de operar da escola dissimula seu sentido político”.

Observa-se dessa maneira que as expressões “igualdade de oportunidades educacionais” e “educação como direito de todos”, tornaram-se discursos vazios da verdade. Enquanto se fala da democracia do ensino, muitas crianças fracassam escolarmente por falta de igualdade reproduzida pelos supostos fatores acima citados.

Na verdade, o discurso oficial pela democratização da escola, seja na direção quantitativa ou qualitativa, procura responder à demanda popular por educação, por acesso à instrução e ao saber. Sabemos que a escola pública é uma progressiva e lenta conquista das camadas populares em sua luta pela democratização do saber, por meio da democratização da escola.

O que realmente se vê é que não há escolas para todos. Em muitos estados brasileiros, cerca da metade da população entre 7 e 14 anos estão fora da escola.

Entretanto, essa escola para o povo, é ainda, extremamente insatisfatória, do ponto de vista quantitativo e, sobretudo, qualitativo. Não só estamos longe de ter escolas para todos, como também a escola que temos é *contra* o povo que *para* o povo: o fracasso escolar dos alunos pertencentes às camadas populares, comprovado pelos altos índices de repetência e evasão, mostra que, se vem ocorrendo uma progressiva democratização *do acesso à escola*, não tem igualmente ocorrido a democratização *da escola*. Nossa escola tem-se mostrado incompetente para a educação das camadas populares, e essa incompetência, gerando o fracasso escolar, tem tido o grave efeito não só de acentuar as desigualdades sociais, mas sobretudo, de legitimá-las. (SOARES, 1986, p. 5-6)

A repetência e a evasão vão construindo o afunilamento da pirâmide educacional brasileira. Essa construção se dá por meio da rejeição das camadas populares de lado a lado com a escola e isso vem freqüentemente apresentado em pesquisas que mostram as relações entre origem social e fracasso escolar.

Para muitos alunos a escola não é um lugar onde eles se sentem à vontade. A escola não tem nada que ver com sua vida de todo dia, dentro dela não há lugar para seus problemas e suas preocupações. Tudo aquilo que eles sabem de experiência própria não é levado em conta, pois a professora corrige sua maneira de falar, seus modos, sua maneira de vestir, e às vezes dizem que eles são incapazes de aprender e que não adianta perder tempo porque de qualquer jeito eles vão ser reprovados.

Pouco a pouco, eles vão perdendo a motivação para continuar se esforçando e vão se sentindo realmente incapazes de aprender e vão se resignando a um fracasso que vai marcar o resto de suas vidas.

Na verdade, a escola produz muito mais fracassos do que sucesso, trata uns melhor do que os outros e convence os que fracassam de que fracassam porque são inferiores. Ela educa e instrui uma minoria. A grande maioria é excluída e marginalizada. (CECCON, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 1984, p. 23)

De fato, três crianças em cada cinco das que freqüentam a primeira série são reprovadas no final do ano escolar. As reprovações e repetências continuam nas séries seguintes, só diminuindo nos últimos anos de escolaridade.

Soares (1986) aponta três explicações para definir a causa do fracasso escolar: a ideologia do dom, a ideologia da deficiência cultural e a ideologia das diferenças culturais.

An. Sciencult, v.1, n.1, Paranaíba, 2009.

Para a ideologia do dom, as causas do sucesso ou do fracasso na escola devem ser buscadas nas características dos indivíduos: a escola oferece “igualdade” de oportunidades e o bom aproveitamento dessas oportunidades dependerá do dom-aptidão, inteligência, talento de cada um. Dessa forma não seria a escola a responsável pelo fracasso do aluno, a causa estaria na ausência de condições básicas, neste, para a aprendizagem. Nessa ideologia, o fracasso do aluno explicar-se-ia por sua incapacidade de adaptar-se e de ajustar-se ao que lhe é oferecido. Dessa forma surge o questionamento: Porque o fracasso escolar está concentrado nos alunos provenientes das camadas populares, menos favorecidos? A busca dessa resposta fez surgir a ideologia da deficiência cultural.

A ideologia da deficiência cultural via com normalidade que os alunos provenientes das camadas populares, ou classes dominadas tivessem maior probabilidade de fracasso na escola, pois, pertenciam a essas classes justamente por serem menos dotados, menos aptos, menos inteligentes, se não o fossem, provavelmente não fracassariam. Dessa maneira, as desigualdades sociais é que seriam responsáveis pelas diferenças de rendimento dos alunos. As condições de vida da classe dominada e as formas de socialização dessas crianças é que seriam as responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Os alunos das classes dominadas apresentam desvantagens ou *déficits*, resultantes dos problemas de deficiência cultural. Como consequência a criança proveniente desse meio apresentaria deficiências cognitivas, afetivas e lingüísticas, responsáveis por sua incapacidade de aprender e por seu fracasso escolar. Mas, segundo Soares (1986, p. 12):

Do ponto de vista das ciências sociais e antropológicas, as noções de ‘deficiência cultural’, ‘carência cultural’, ‘privação cultural’, são inaceitáveis: não há culturas superiores e inferiores, mais complexas e menos complexas, ricas e pobres; há culturas diferentes, e qualquer comparação que pretenda atribuir valor positivo ou negativo a essas diferenças é cientificamente errônea.

Dessa maneira surge a ideologia das diferenças culturais com outra explicação para o fracasso na escola, dos alunos pertencentes às camadas populares. Para essa ideologia o termo deficiência, privação e carência remetem ao sentido de falha, falta, ausência, e quando o assunto se remete à cultura, o que se deve reconhecer é que há uma diversidade de culturas, diferentes umas das outras, mas todas igualmente estruturadas, coerentes e complexas.

O aluno sofre um processo de marginalização cultural, não por deficiências intelectuais ou culturais, como sugerem a ideologia do dom e a ideologia da deficiência cultural, mas porque é diferente, como afirma a ideologia das diferenças culturais.

Nesse caso, a responsabilidade pelo fracasso escolar dos alunos provenientes das camadas populares cabe à escola, que trata de forma discriminada a diversidade cultural transformando diferenças em deficiências.

2. A CULPA É DA CRIANÇA?

Para muitos a culpa do fracasso escolar está na criança que não se esforça e não dá valor aos sacrifícios que seus pais tem feito para que ela estude. Quando o problema é muito complicado julga-se mais simples e prático jogar a culpa na própria vítima.

An. Sciencult, v.1, n.1, Paranaíba, 2009.

Os professores costumam ver o fracasso escolar como um fator de origem psicológica como conseqüência dos problemas individuais pelos quais a criança está passando. Para estes as crianças não conseguem aprender porque são afetivamente desajustadas, tem problemas emocionais complicados, está sempre distraída, sem memória, não consegue se concentrar, fala tudo errado, não entende nada que o professor diz, é preguiçosa e rebelde. Ou seja, a culpa é da criança que não aproveita as oportunidades que lhe estão sendo oferecidas.

3. A CULPA É DA FAMÍLIA?

Em análise às premissas anteriores consideraremos: se a criança é a culpada pelo seu fracasso por apresentar tantas complicações psicológicas, então, quem, ou o que é a causa de tantos distúrbios?

A partir dessa idéia, pouco a pouco foi ganhando forma uma nova interpretação sobre o elemento que proporcionaria esse fracasso escolar dos alunos: a família. Os pais dessa criança têm tempo para ela? Os pais se dedicam a olhar os cadernos do filho, ajudar nas tarefas, olhar datas de provas, ler bilhetes e recados enviados pela direção, coordenação e professores? Será que esses pais vão à escola pelo menos uma vez por bimestre pelo menos para verificar as notas do filho para tentar ajudá-lo a superar as dificuldades com algumas matérias?

Veja só: o pai chega cansado, a mãe na labuta diária, os irmãos menores em balbúrdia, o cachorro e o gato se enfrentando, a TV ligada, discussões e as tarefas para fazer. Todas essas situações somadas dariam um turbilhão de problemas. Imagine isso tudo na cabecinha de uma criança! Realmente, uma família com tantos problemas merecedores de especial atenção, não possibilita ajuda em favor do desenvolvimento da criança e com isso, pouco a pouco vai causando o quase que “eminente” fracasso escolar.

4. A CULPA É DAS CONDIÇÕES SOCIAIS?

A família passa por tal falta de estrutura justamente porque a sociedade não oferece nenhum respaldo ou apoio para que suas crianças possam freqüentar a escola com dignidade. O desemprego é algo constante, as condições de salário são precárias, a violência nas ruas levam as crianças para caminhos sinuosos e a família tem muito pouco a fazer. As condições de moradia, saneamento, acesso à saúde e seus benefícios, são fatores que influenciam para que essas crianças se sintam desmotivadas a estudar - as que persistem, fracassam, enquanto outras desistem, causando a evasão escolar. Dessa maneira, as condições sociais influenciam fortemente no processo de fracasso escolar.

5. A CULPA É DO TRABALHO?

Por causa dessa condição de pobreza em que vivem a maioria dos brasileiros, muitas crianças em idade escolar precisam trabalhar para ajudar no sustento de suas famílias. Todos sabem que é muito difícil trabalhar e estudar ao mesmo tempo, no entanto, muitas dessas crianças

trabalham duramente e procuram conciliar seu estudo de forma que não fique perdendo seus anos escolares.

O trabalho prejudica o rendimento escolar, e o aluno acaba indo de reprovação em reprovação até desistir de tentar. No entanto, ele pensa que sem qualificação, pode perder o emprego que tem. E aí, como vai arranjar outro melhor, mais bem qualificado e remunerado?

Para Carraher, Schliemann, Carraher, (1993, p.25), os pais “[...] não podem permitir aos seus filhos o luxo de uma educação prolongada diante de sua necessidade de empregá-los precocemente para contribuir para o sustento da casa.”

Nesse caso a família tem a necessidade do trabalho para seu sustento. As crianças se dedicam a ele de tal maneira que quando precisam ir para a escola não possuem força nem ânimo para desenvolver nenhuma atividade de modo que o fracasso é coisa certa.

[...] na verdade, a escola, é feita para aqueles que não precisam trabalhar, ela faz de conta que ninguém trabalha e coloca as exigências que os que trabalham não tem tempo nem condições de cumprir. Com o tempo as reprovações e repetências vão se acumulando até que as crianças e os próprios pais desistem. (CECCON; OLIVEIRA e OLIVEIRA, 1984, p.29)

6. A CULPA É DO PROFESSOR?

Os pais dos alunos acham que a responsabilidade do professor é muito grande nos bons e maus resultados escolares de seus filhos. Acreditam que se o professor fosse dedicada seria capaz de fazer milagres com as crianças, mas se não o faz é porque não se dedicou o bastante.

Alguns professores não aceitam nada do que o aluno trás de casa: seus conhecimentos, suas atividades. Dessa maneira, a criança se sente desvalorizada, pois, tudo que ela sabe não vale absolutamente nada. O professor, então, fará um longo e doloroso processo de esvaziamento desse aluno de maneira que possa incutir nele os conceitos que a norma culta estabelece pó meio de seus padrões. Assim esse aluno fica ainda mais perdido do que já estava, pois, as vivências que tinham, agora, de nada valem.

A criança pobre tem, então, muito poucas ocasiões de acertar, de responder certo uma pergunta, de fazer bem um exame, porque o que ela sabe não é levado em conta e o que ela tem que aprender não tem nada que ver com sua experiência de vida fora da escola. (CECCON; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1984, p.64)

As crianças que moram na periferia, ou nas zonas rurais, aprender a se virar sozinhas: cuidam de si mesmas, inventam seus brinquedos, aprendem a sobreviver na rua e começam a fazer pequenos “bicos” para ganhar a vida. No entanto, dentro da escola tudo muda. Essas mesmas crianças que aprenderam a se virar sozinhas, que aprenderam observando e fazendo, que em casa e na rua são espertas e faladoras, na escola não entendem nada o que o professor diz, se sentem incapazes de aprender, por isso se fecham em si mesmas, vão se tornando caladas, tristes e passivas.

Logo que entra na escola, a criança tem que aprender a falar e escrever uma nova língua diferente daquela que sempre falou em casa com seus pais, colegas e amigos. A língua da escola é uma língua bem falada, sem erros de pronúncia ou de concordância. É a língua da classe média,

que tem acesso aos livros e aos textos bem escritos. O resultado é que muitas crianças, com medo de serem criticadas ou corrigidas, vão ficando no se canto, com vergonha de falar, de perguntar e de responder. Aos poucos essa criança vai se tornando incapaz de se comunicar.

7. AFINAL, DE QUEM É A CULPA?

Em análise a cada um desses supostos culpados, observa-se que todos possuem uma parcela de culpa. Há ainda outros fatores que influem para o fracasso escolar, mas não os citaremos para não delongar ainda mais em um assunto do qual já sabemos a resposta.

A culpa não é única e exclusiva de um desses fatores aqui citados. A culpa é resultado desse grupo de fatores associados que coletivamente influenciam a “vítima” - o aluno - de maneira que sem saber como agir acaba fracassando escolarmente.

Dessa forma observamos que não existe um único “culpado” pelo fracasso escolar. Muitas vezes a escola situa o problema do fracasso no indivíduo, considerando-o como portador de algum tipo de “desvio” ou “anormalidade”. Assim, o “insucesso” é atribuído à debilidade das capacidades intelectuais, à cultura desviante e a outras categorias como: as dislexias (dificuldades de leitura), as disortografias (dificuldades em ortografia) e as discalculia (dificuldade em cálculos) que servem como rótulos.

Estes levam aqueles que fracassam a tratamentos diversos em instituições especializadas e a classes especiais. Em face da criança que fracassa, muitas vezes a escola e os profissionais da educação não levantam problemas como a estrutura da escola, a estrutura social e a inadequação dessa estrutura à situação real de vida da criança. Daí podem surgir os motivos do fracasso escolar: uma não-aproximação e conhecimento do aluno e de suas necessidades. Principalmente se estes alunos apresentarem uma realidade diferente da realidade do educador.

Portanto, buscar soluções para o fracasso escolar não consiste em atribuir patologias ao aluno, mas em ampliar este foco, abrindo espaço para outras variáveis que também influenciam no processo da aprendizagem como a instituição, o método de ensino, as relações professor/aluno, os aspectos sócio-culturais, a história de vida do sujeito, entre outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRAHER, Terezinha; CARRAHER, David; SCHLIEMANN, Analúcia. **Na vida dez, na escola zero**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

CECCON, Cláudio; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska de. **A vida na escola e a escola da vida**. 11. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1984.

FERNANDEZ, Alicia. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MELLO, Guiomar N. **Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político**. 3. ed. São Paulo: Autores Associados e Cortez Editora, 1983.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo: Ática, 1986.